

## **Residências da orla marítima de João Pessoa: um patrimônio moderno.**

COSTA, Roberta Xavier.

Arquiteta e Urbanista, Graduada pela UFPB, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN, pesquisadora e colaboradora do Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB.

Av. Expedicionários, 627, Expedicionários, João Pessoa – PB, 58041-010. Telefones: (83) 3224 3206, (83)3226 3866, (83)8865 5706, E-MAIL: robertaxcosta@oi.com.br.

## Residências da orla marítima de João Pessoa: um patrimônio moderno\*.

### RESUMO

A cidade é uma construção coletiva do espaço, fruto de muitos 'atores' que, constantemente, modificam a sua estrutura pelas mais diversas e particulares razões. As residências unifamiliares são exemplos de como essas intervenções, pontuais ou não, ocorrem e concorrem para a formação da imagem de um lugar. Neste estudo trataremos das residências modernas na orla marítima de João Pessoa – PB, construídas nas décadas de 1960 e 1970, como uma representação da transformação da linguagem arquitetônica local, que testemunha um período específico da expansão urbana e da difusão da arquitetura moderna, na Paraíba.

O objetivo é discutir a arquitetura moderna presente nos bairros residenciais da Orla Marítima enquanto cultura construtiva e a sua "herança" para a cidade contemporânea. Herança essa entendida como um patrimônio cuja flexibilidade permite a sua 'apropriação' e atualização, mais que 'restauração'. Ainda assim, é importante mostrar a "perda de memória recente": em menos de um ano e meio, de janeiro de 2008 (início da pesquisa) até o momento atual, é possível constatar um aumento crescente de demolições de casas unifamiliares acompanhado de uma oferta igualmente crescente de edifícios em altura. No processo contínuo de transformação, demolição, construção e reconstrução da cidade que constantemente se recria, mesmo os recentes bairros modernos vão sendo apagados sem deixar vestígios.

Este estudo pretende contribuir com a construção da história desses bairros e subsidiar, com o conhecimento de seus exemplares modernos, as ações dos órgãos responsáveis pela proteção do patrimônio arquitetônico. Esta tarefa torna-se urgente; não apenas pelos "óbitos" constantes dessas arquiteturas, mas também porque as fontes estão cada vez mais escassas e desaparecendo: por exemplo, o arquivo da PMJP está incompleto em relação aos documentos anteriores a 1972 e o acervo do CREA/PB tem registros apenas a partir de 1970. O interesse dessa pesquisa é, portanto registrar, conhecer, reconhecer e refletir sobre essa arquitetura moderna particular e suas repercussões sobre a paisagem construída. É parte de um esforço coletivo para incluir os exemplares de arquitetura moderna da Paraíba em um todo mais amplo, a história da arquitetura moderna no Brasil.

Palavras-chave: patrimônio, residência unifamiliar, arquitetura moderna.

### ABSTRACT

The city is a collective construction of space, the result of many 'actors' that constantly change their structure by different and particular reasons. The isolated houses are examples of how these interventions, specific or not, occur and contribute to the formation of the image of a place. In this study we will deal with the modern homes in the shoreline of João Pessoa - PB, built in the 1960's and 1970's, as a representation of the transformation of the local architectural language, which control a specific period of urban expansion and dissemination of modern architecture, in Paraíba .

The objective is to discuss the modern architecture in the residential neighborhoods of the coastline as constructive culture and its "legacy" to the contemporary city. Legacy understood as a heritage which flexibility allows its 'ownership' and update, rather than 'restoration'. Still, it is important to show the "loss of recent memory": in less than eighteen months, from January 2008 (beginning of the search) until the present time, it is noticeable an increase of isolated houses demolitions followed by an increase of the offer of high buildings. In the process of transformation, demolition, construction and reconstruction of the city that is constantly recreating itself, even the recent modern neighborhoods are being erased without leaving traces.

This study aims to contribute to the construction of these neighborhoods history and support, with the knowledge of their modern samples, the actions of the organs responsible for the protection of architectural heritage. This task becomes urgent, not only by the constant "death" of these examples, but also because the sources are increasingly scarce and disappearing: for example, PMJP files are incomplete for documents prior to 1972 and the CREA/PB archives have records only from 1970 on. The interest of this research is therefore register, know, recognize and reflect on this particular modern architecture and its impact on the built landscape. It is part of a collective effort to include examples of modern architecture of Paraíba in a wider whole, the history of modern architecture in Brazil.

Key words: property, single residence, modern architecture.

---

\* Pesquisa orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nelci Tinem, em desenvolvimento no Mestrado do PPGAU/UFRN/CNPq, e vinculada ao Grupo de Pesquisa Arquitetura Moderna na Paraíba do LPPM/CAU/UFPB.

# **Residências da orla marítima de João Pessoa: um patrimônio moderno.**

## **Introdução**

A cidade é uma construção coletiva do espaço, fruto de muitos 'atores' que, constantemente, modificam a sua estrutura pelas mais diversas e particulares razões. As residências unifamiliares são exemplos de como essas intervenções, pontuais ou não, ocorrem e concorrem para a formação da imagem de um lugar, são bens culturais de grande interesse, por ser um campo de experimentações para intenções de arquitetos, ou, o que é mais comum, resultado de inovações ou reproduções entre outros autores, não arquitetos, nem sempre profissionais de ofício, mas que pela cultura construtiva, traduz elementos que vão sendo difundidos ou reinterpretados.

Neste estudo trataremos das residências modernas na orla marítima de João Pessoa – PB, construídas entre os anos de 1956 e 1974, como uma representação da transformação da linguagem arquitetônica local, que testemunha um período específico da expansão urbana e da difusão da arquitetura moderna, na Paraíba.

Apresentaremos aqui seis residências, resultados da pesquisa que ainda está em desenvolvimento, que intenciona identificar os elementos que representam a diversidade dessa arquitetura; resgatar a importância destes projetos, pelo que representam historicamente, através do registro, caracterização e análise do espaço construído dessa produção específica inserida no contexto da disseminação e aceitação da Arquitetura Moderna na Paraíba.

Ao discutir as características dessa arquitetura, avaliamos também, sua herança para a cidade contemporânea. Que características permanecem ou transitam nas construções da atualidade, será que houve este legado, seria possível que em algum aspecto a cultura arquitetônica moderna esteja ainda em difusão?

Utilizando como base principal de dados os processos de habite-se do acervo do Arquivo Central da PMJP, e como acervo complementar os exemplares identificados a partir da observação direta e de registros anteriores de outras pesquisas. Nesta comunicação, pretende-se apresentar seis desses exemplares, que retratam a arquitetura moderna residencial que foi realizada na cidade durante o período.

## **Residências unifamiliares como patrimônio cultural**

As residências unifamiliares na produção da Arquitetura Moderna configuram um laboratório de experimentações e inventividade que contribui para transformações tecnológicas, de programas e de concepções, que indicavam uma re-organização da vida doméstica e da sociedade. (CAMARGO, 2007:3). Na produção da arquitetura moderna de João Pessoa é a residência unifamiliar que vai ajudar a consolidar a imagem de 'modernidade' da cidade.

Em geral, essas residências pertenciam a proprietários de uma classe média abastada, onde a escolha da linguagem da arquitetura moderna expressava um “*status*” de destaque econômico ou intelectual. Apesar de representarem uma época, e da grande quantidade de exemplares remanescentes, aqui em João Pessoa, são as residências unifamiliares de classe média que têm tido vida mais efêmera do que outros objetos arquitetônicos, pois a sua substituição por outras edificações tem sido prática comum<sup>1</sup>.

Este processo, desencadeado pela especulação imobiliária, acentuou-se no município desde a década de 1990. E de forma mais grave nos Bairros de Cabo Branco, Tambaú e Manaíra – a Orla Marítima. Durante a pesquisa de campo foi possível observar que as casas da Orla Marítima, estão sendo substituídas gradativamente por outras edificações que permitem um maior aproveitamento dos terrenos. Seu registro, enquanto ainda existem, torna-se necessário para a compreensão deste patrimônio edificado e para a compreensão desse momento de difusão da arquitetura moderna. É nesse sentido que ressaltamos a “perda de memória recente”, do desaparecimento do objeto e da lacuna da documentação do mesmo.

Essa pesquisa iniciou com a solicitação, por parte de familiares, para a regularização da residência Hermes Pessoa, construída em 1956, na Av. Cabo Branco, não havia documentação da mesma na Prefeitura Municipal, e a intenção dos proprietários era vender o terreno para transformar-se em um edifício multifamiliar. O projeto de um engenheiro civil tem características que sugeriam uma difusão da arquitetura moderna, assim como outros similares na cidade e em especial nos bairros da orla. Seria mais um exemplar da cidade que estaria indo a “óbito”<sup>2</sup> sem que ficasse nenhum registro ou valoração desta arquitetura. Realizar estes registros é uma forma de preservar a memória da cidade; já que muitos outros imóveis da mesma área e período na cidade de João Pessoa vêm tendo a mesma destinação.

Dois problemas se colocavam com essa solicitação: as lacunas do acervo do ARCEN/PMJP, e a condição de dificuldade para o reconhecimento de uma arquitetura que nem sempre era produzida por arquitetos, mas que tinha em sua concepção elementos e princípios da arquitetura moderna, indicando uma difusão da mesma.

### **Difusão da arquitetura residencial moderna**

A difusão da arquitetura moderna residencial no Brasil, segundo Lara (2001:2), tem um grau de expansão e popularização não alcançado em outros países. Segawa (2002:129) indica um “reconhecimento social”, na produção dessa arquitetura, que foi repetida como moda, por “construtores populares” e engenheiros em diversas cidades brasileiras. “A difusão mantém, pois,

---

<sup>1</sup> Fato confirmado durante a pesquisa de campo que vem sendo realizada, onde um grande número de exemplares tinha anúncios de venda, ou tiveram sua demolição efetuada ao longo de um ano.

<sup>2</sup> Ver “Obituário Arquitetônico – Pernambuco Modernista” de Luiz Amorim. (AMORIM, 2007)

um elo com a afirmação dessa arquitetura e, apesar de a historiografia não distinguir o seu desencadeamento, certamente ele precede a construção de Brasília”. (PEREIRA, 2008:13).

Segawa (2002) coloca como agentes: os “arquitetos peregrinos, nômades e migrantes”, as revistas de arquitetura e a disseminação do ensino de arquitetura. As pesquisas recentes acerca da difusão da arquitetura moderna em João Pessoa (PEREIRA, 2008 e CHAVES, 2008) comprovam que os meios de comunicação e os profissionais que atuam nas décadas anteriores a 1960, testemunham a disseminação dos princípios modernos na cidade.

A apropriação e popularização do repertório formal da arquitetura moderna é a nossa herança, e que essa manifestação por vezes considerada pela historiografia como “simplificação e banalização dos parâmetros da arquitetura moderna brasileira”, como resultado de “consumo de elementos e ausência de unidade, se aplicados a arquitetura dos anos 1960 e 1970, condenariam boa parte do trabalho dos melhores arquitetos do país” (LARA, 2005), em nossas observações preliminares tendemos a concordar que a produção residencial paraibana de classe média da orla marítima do período segue essa lógica de apropriação e consumo, com um olhar que principia a voltar-se para a produção do espaço, e do conforto da habitação, mais que uma busca formal inovadora. Artigas (1956) atribui a difusão e disseminação dos valores da arquitetura moderna a razão de seu sucesso.

*Na própria vulgarização de certas conquistas da arquitetura brasileira devemos ver o reflexo da simpatia geral pelo esforço renovador e pelas soluções que ela propõe. Há os que encaram a rápida aceitação e reprodução de certas formas construtivas sem suficiente assimilação crítica ou elaboração criadora, como um sintoma de decadência. A democratização das conquistas da arquitetura deve ser encarada como o desejo ardente, por parte do povo, da aquisição de uma linguagem nova no campo da arquitetura. (ARTIGAS, 1956)*

É na disseminação, vulgarização e apropriação do que foi produzido que Artigas vê o sucesso da arquitetura brasileira, esse repertório vai ser reinventado, reproduzido, adaptado, mas estará presente nas construções a meu ver até os dias atuais. Esse vocabulário moderno passa por diferentes vetores de divulgação, na mídia impressa é recorrente a idéia de uma modernidade e progresso a partir de ações estatais ou em instrumentos oficiais, porém é nas construções das residências de classe média onde essa linguagem é mais disseminada e absolvida. Portanto, o aspecto de difusão que abordamos é a própria construção como elemento de propagação das idéias arquitetônicas.

A arquitetura moderna produzida por essa classe média vai ser pautada na associação de “signo de *status*” e “paradigma estético”, da classe dominante, que é responsável por formar e aplicar “uma identidade construída intelectualmente”. (LARA, 2005). O autor atribui à sedução da publicidade e dos meios de divulgação e ao desejo de *glamour* e *status*, dessa classe média a construção da “identidade” nacional dos “anos dourados” da arquitetura moderna, e indica duas outras formas de “contaminação” com o vocabulário formal: os “profissionais envolvidos na

construção civil” como agentes divulgadores da arquitetura moderna sejam recém-formados ou ainda estudantes, de arquitetura ou engenharia; e a mimese ou imitação das residências mais eruditas.

Nessa difusão através da obra, vai se formando uma cultura arquitetônica que é representativa de uma época cujos valores e conceitos, vão sendo transferidos, entre cada objeto que é construído, às vezes mais sofisticados com mais apuro, às vezes apenas reproduzidos, sem grandes intenções.

As pesquisas recentes contribuem para a estabelecer nuances que enriquecem e ampliam essa história e indicam uma produção que apresenta características comuns disseminadas por todo o território nacional e particularidades que evidenciam as contribuições locais. Marques & Naslavsky (2001), por exemplo, destacam “*o surgimento de novos atores, estrangeiros e nativos, e a homogeneidade ou heterogeneidade da produção nacional, as similitudes e afastamentos dos padrões hegemônicos nacionais*”. Registrar, documentar e caracterizar essas produções é importante para ampliar o leque de interpretações da história desse patrimônio, assim como fornecer subsídios as ações das agências de proteção e conservação que começam a preocupar-se institucionalmente com o Movimento Moderno.

O interesse dessa pesquisa é registrar, conhecer, reconhecer e refletir sobre essa arquitetura moderna particular e suas repercussões sobre a paisagem construída. É parte de um esforço coletivo para incluir os exemplares de arquitetura moderna da Paraíba em um todo mais amplo, a história da arquitetura moderna no Brasil.

### **As fontes para a documentação**

Esta tarefa torna-se urgente; não apenas pelos “óbitos” constantes dessas arquiteturas, mas também porque as fontes estão cada vez mais escassas e desaparecendo: por exemplo, o arquivo da PMJP está incompleto em relação aos documentos anteriores a 1972 e o acervo do CREA/PB tem registros apenas a partir de 1970.

Devido às limitações das fontes a investigação seguiu dois direcionamentos: trabalhar com as fontes primárias do acervo do Arquivo Central da PMJP, onde foi coletada a documentação das residências, porém existem limitações quanto a totalidade de dados, muitos projetos estão incompletos, ou danificados; e com fontes secundárias, residências que tenham sido catalogadas em pesquisas anteriores.

Como o interesse é principalmente a análise das características das residências, para inserção em um contexto maior, a produção nacional. A documentação encontrada até este momento da pesquisa forneceu indícios suficientes para traçar neste artigo um quadro da arquitetura produzida. Na pesquisa de campo muitos desses indícios vêm sendo confirmados através das

entrevistas com os proprietários das residências, o que poderá levar a formação de um pano de fundo acerca da memória de João Pessoa no período.

### **Do registro e sistematização das residências**

Foi encontrado um total de 410 solicitações de licença para construção/reforma, no acervo, cujos dados foram anotados em uma ficha de registro simplificada. Deste universo foram selecionados através das características das fachadas e planta baixa 150 projetos que foram considerados como qualificados e fotografados, pois os desenhos apresentavam elementos que podiam ser considerados como característicos de alguma modernidade.

Considerar os projetos de reforma e ampliação foi necessário frente à imprecisão do acervo nos anos anteriores a 1972, a indicação de reforma significava que a residência ou pelo menos o lote estaria ocupado antes da licença, e em boa arte essas reformas tinham intenção de uma aproximação da linguagem moderna nas residências.

Na seleção dos exemplares a serem registrados observamos: como era a implantação da edificação, como eram as plantas baixas, o programa da edificação, se as esquadrias indicavam uma estrutura independente, se a cobertura indicava uma modernidade assumida ou uma modernidade “falseada”, se o telhado era aparente, se era utilizado platibanda, se havia alguma referência a o período anterior, o período hegemônico segundo Comas(2002), como colunas metálicas, telhado inclinado, uso de pilotis, marquises, elementos de proteção climáticos, como brises ou combogós, quais os tipos de revestimentos, qual a relação com a topografia, se era criada ou com diferenças de níveis internos ou externos, se havia diferenças entre as fachadas, fachadas mais elaboradas na frente e menos elaboradas nos fundos do lote, no aspecto formal como se comportava a edificação, era em monobloco, com volumes geométricos sobrepostos, adicionados, etc.

Não necessariamente todos os elementos estão presentes em uma mesma residência, algumas apresentam apenas um aspecto que é atendido, porém como se trata de difusão de elementos de linguagem optamos por considerar uma possível gradação dessa modernidade a ser desenvolvida ao longo da pesquisa.

Alguns dados foram evidenciados nesse levantamento, por exemplo: o indício de que a ocupação desses bairros era sazonal, algumas residências apresentaram a denominação de “residência de veraneio”, fato que vai ser confirmado em nossa pesquisa de campo no contato com alguns proprietários que informam que a frequência ao bairro era restrita aos meses de férias.

### **Morar na praia – de 1960 a 1974,**

Na Enciclopédia dos Municípios do IBGE, publicado em 1960, o centro urbano de João Pessoa é retratado como sendo a cidade em si, que não pode ser “classificada como grande cidade”, mas que tem “características interessantes de núcleo populacional importante”. Ao escritor

impressionam o “apreciável movimento comercial e intensa atividade particular” que “imprimem” na cidade um “cunho de dinamismo”. Segundo seus comentários, o movimento que o visitante observa no centro da cidade vai diminuindo à medida que “poucos quilômetros além” a paisagem se transforma em “tranqüila, serena e agradável” ao chegar a uma das “mais belas praias brasileiras: a de Tambaú” (IBGE, 1960). Além da beleza natural da praia, as casas também chamam a atenção: “está ela [sua beleza natural], todavia, completada hoje pelas magníficas e modernas construções residenciais as quais rivalizam com as estações climáticas dos centros de turismo do sul do País.” (IBGE, 1960). Independente da tendência de exaltação do autor o que me chama a atenção é a referência a arquitetura residencial, embora sem que se possa precisar o que o mesmo classifica como sendo “arquitetura moderna”.

A expansão da cidade do núcleo inicial junto ao rio em direção ao mar é reportada neste documento, através da Av. Epitácio Pessoa: “de construção recente, e contando ainda com poucas residências essa Avenida, contribui bastante para o desenvolvimento da cidade em direção ao litoral” (IBGE, 1960). De fato esse “elo com o mar”, foi essencial para transformar a feição das praias de João Pessoa (TRAJANO FILHO, 2006).

Toda a área da Orla Marítima recebia até meados da década de 1960 a denominação de Tambaú, só após a implantação de vários loteamentos os bairros vão assumir a nomenclatura atual: Cabo Branco, Tambaú e Manaíra. Os loteamentos iniciados no final da década de 1950 (PEREIRA, 2006), contribuem com a ocupação da mesma, embora nas entrevistas decorrentes do levantamento das residências, os moradores remanescentes do período atestem que 1960 a ocupação ainda era sazonal, para férias ou veraneio.

As informações da transformação para um núcleo residencial permanente vêm a ocorrer já no final do recorte cronológico da pesquisa, nos anos de 1973 e 1974; é no último ano que identificamos a primeira planta que traz a denominação “Bairro de Manaíra”, embora o conjunto habitacional Jardim Manaíra de autoria de Acácio Gil Bórsoi, date de 1957 (PEREIRA, 2006).

A configuração de morada permanente foi resultado de um esforço tanto do mercado imobiliário como de empreendimentos públicos beneficiando as praias de João Pessoa. Pereira (2008) indica que a imprensa local buscava atrair moradores e compradores para os empreendimentos imobiliários, muitos dos quais financiados pela Caixa Econômica e Sistema Financeiro de Habitação, através de anúncios que minimizavam a idéia de isolamento em relação ao resto da cidade.

Esses financiamentos, associados às melhorias da infra-estrutura, de saneamento básico e maior acessibilidade, que vieram nos anos posteriores estimularam essa ocupação, embora o mapeamento das residências encontradas feito a partir do levantamento do acervo com cruzamento de outras pesquisas, mostra que apenas no bairro de Tambaú, o fato pode ser observado, tanto Cabo Branco como Manaíra, apresentam grandes vazios urbanos até 1974.



Apesar das deficiências, foi possível coletar um grande número de informações que permitiram definir uma mostra qualitativa adequada aos objetivos pretendidos de registrar essa produção, e difusão da arquitetura residencial moderna em João Pessoa.

### **As casas da orla: uma pequena amostra para caracterizar um patrimônio moderno.**

O olhar para a Arquitetura Moderna Paraibana, já vinha sendo desenvolvido em um esforço de reconhecer e caracterizar essa produção, desde o ano de 2000, pela Prof. Nelci Tinem<sup>3</sup>. Em suas pesquisas vêm-se revelando autores ainda pouco conhecidos, arquitetos de outros estados que aqui atuaram, e projetistas habilidosos que utilizam em sua produção os princípios da arquitetura moderna brasileira.

Essas pesquisas vinculadas ao LPPM/CAU/UFPB<sup>4</sup>, têm tido como resultado, além de inventários de edifícios produzidos na Paraíba e profissionais que atuaram no estado, um levantamento de várias residências dos períodos anteriores a 1960/1970 (e também deste período), como exemplares com características modernas adaptadas a realidade local. (TAVARES, TAVARES, & TINEM, 2005).

Essa caracterização já sedimentada por essas pesquisas anteriores contribuiu para um melhor esclarecimento sobre o nosso objeto de estudo nessa comunicação e orientou o olhar para a mostra que apresentamos. Utilizaremos aqui quatro exemplares selecionados a partir da documentação encontrada, e dois exemplares que foram documentados a partir da pesquisa de campo. Não se trata de estabelecer um quadro total da produção da orla, mas indicar possíveis caminhos para futuras reflexões. Os três primeiros exemplares são citados por outras pesquisas e encontrados em nosso levantamento no acervo.

A primeira residência foi construída no início do período em estudo, a Residência Astralgésilo de Freitas, de Acácio Gil Bórsoi. A segunda residência é também de um arquiteto e caracteriza uma arquitetura que recebe influências de Delfim Amorim e de Bórsoi, é de autoria do arquiteto Mário Glauco Di Lascio. A terceira, a residência Waldomiro Ribeiro Coutinho, de Carlos Alberto Carneiro

---

<sup>3</sup> O trabalho de graduação de Mércia Parente Rocha "Manifestações da Arquitetura Moderna em João Pessoa", de 1987, é o pioneiro em catalogar a arquitetura moderna na Paraíba, seguidos de vários outros, num esforço conjunto de pesquisadores coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nelci Tinem, que vem complementando estes registros para o (re)conhecimento da produção da arquitetura moderna no Estado. Ressalto os trabalhos de Francisco Sales Trajano Filho, com o título "Vanguarda e Esquecimento: a obra de Clodoaldo Gouveia", de 1999, o de Adriana Leal de Almeida Freire, "*Arquitetura Moderna Residencial de Campina Grande: registros e especulações (1960 – 1969)*", de 2007; o de Carolina Chaves, "*João Pessoa: verticalização, progresso e modernidade 1958 – 1975*", e o de Pautília Costa, "*Arquitetura Moderna na Orla Marítima: A Produção Residencial Nas Praias de JP*", ambas de 2008; e a dissertação de mestrado de Fúlvio Teixeira, "*Difusão da Arquitetura Moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)*".

<sup>4</sup> Laboratório de Projeto Pesquisa e Memória do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, Grupo de Pesquisa Arquitetura Moderna, Coordenação Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nelci Tinem.

da Cunha, já no final do período indica a transformação que se anuncia para o período seguinte, uma arquitetura que vai ser intensamente reproduzida na orla marítima.

Os três últimos exemplares são residências que traduzem uma reprodução, mais que difusão de linguagem, onde só alguns elementos são mantidos, mesclados, existe uma hibridação, que representam uma disseminação muito peculiar da arquitetura moderna, sem uma preocupação com inovações, mas apenas com um modo de fazer que se reproduz por que se adéqua, ao clima, as condições sócio-econômicas, a vontade de não ser nem tão insignificante, comum.

## **Eruditas e hegemônicas - 1960**

### **A residência Astralgésilo de Freitas**

Localizada na Av. Cabo Branco, é de autoria do arquiteto Acácio Gil Bórsoi, o projeto original é de 1962 foi encontrado uma reforma de 1974 de autoria do Eng. Civil José Cordeiro Fragoso, para acréscimo de uma piscina. Atualmente é uma Pousada.<sup>5</sup> Como características mostra uma adaptação da edificação ao clima, preocupação com a iluminação, na presença das grandes esquadrias de madeira e vidro, a estrutura independente evidenciada pelas colunas soltas das paredes de vedação, e cobertura de laje de concreto inclinada com sobreposição de telha cerâmica (solução comum no período).

### **A residência Mario Grissi Faraco**

Localizada na Av. João Maurício, em Manaíra, é de autoria de Mario Glauco Di Lascio<sup>6</sup>. Sua arquitetura reflete uma preocupação com a funcionalidade e o conforto dos ambientes, com os pressupostos modernos adaptados ao clima e ao contexto cultural local. Os pilares do pavimento superior são recuados criando um terraço: espaço de transição entre o público e o privado. O volume prismático do pavimento superior é ressaltado que se projeta sobre o prisma que forma o pavimento térreo, indica a independência da estrutura, embora as esquadrias não sejam corridas, a ausência de pilares na varanda superior caracteriza essa independência entre a estrutura e a vedação. O revestimento do terraço térreo com azulejaria decorada é uma solução similar ao que Delfim Amorim costumava utilizar na criação do que denominava uma “verdadeira arquitetura nordestina”(AMORIM, 2001).

---

<sup>5</sup> Esta casa foi registrada por Tavares, Tavares & Tinem (2005), Silva (2004), Pereira (2008) e Cavalcanti (2007).

<sup>6</sup> Registrada por Tavares, Tavares & Tinem (2005), Pereira (2008) e Cavalcanti (2007).



Imagem 1: A esquerda residência Astragésilo de Freitas, na Av. Cabo Branco. A direita residência Mrio Grissi Faraco, na Av. João Maurício. Foto: Roberta Xavier da Costa. Janeiro de 2008.

## **Erudita em mutação – 1970**

### **A Residência Waldomiro Ribeiro Coutinho**

Localizada na Av. Cabo Branco, de 1974, é de autoria do arquiteto Carlos Alberto Carneiro da Cunha, que assim como Mario Di Lascio, é formado na Escola de Belas Artes de Recife, suas residências utilizam também os preceitos da planta livre, dos grandes panos de esquadrias e amplos terraços, grandes vãos e generosidade nos espaços. No caso dessa residência assim como algumas outras que surgem no período, o que vai se observar é a substituição do telhado inclinado pelo uso de laje plana de concreto recoberta por telhas industrializadas de fibrocimento, é recorrente o uso de materiais industrializados nas construções, e alguns elementos que se mantém vão sendo substituídos por outros mais industrializados e também mais baratos, como a substituição dos combogós de cerâmica, utilizados na década de 1950, por de elementos vazados de concreto ou cerâmica; ou dos azulejos decorados e mármore por revestimentos de casquilho de tijolo cerâmico, ou pedras naturais. Evidencia-se o que é estrutura e o que é vedação, mesmo que as colunas já não fiquem mais soltas como nas residências anteriores. O concreto aparente vai aparecer até em detalhes construtivos como guarda-corpos, escadas e às vezes mobiliário. O que se mantém é a preocupação com o clima, nos beirais, na distribuição funcional e setorizada da habitação e na estrutura de concreto que anuncia uma nova fase onde seria a grande definidora do espaço. A relação interior com exterior é mantida, pois existe uma preocupação com a comunicação dos ambientes dos quartos e da área social com a paisagem da praia.



Imagem 2: Residência Waldomiro Ribeiro Coutinho, na Av. Cabo Branco. Foto: Roberta Xavier da Costa. Janeiro de 2008.

## **Difusão de arquitetura hegemônica – 1960(e um pouco antes)**

### **A residência Hermes Pessoa**

Localizada na Av. Cabo Branco, foi construída em 1956, como residência de veraneio, e que passou a moradia permanente no início da década de 1960. O projeto não foi localizado, os proprietários nos informaram que o autor é o Eng. Civil Oswaldo Nobre Fontes, e como este foi o exemplar que desencadeou a pesquisa da dissertação em curso, foi feito um levantamento e um novo desenho da residência, em CAD, para seu registro. As referências nesse exemplar são uma “adaptação explícita”, que caracteriza a difusão com tendências a popularização da arquitetura moderna.

Na implantação a vontade de ser moderno se confunde com a dificuldade em ser moderno, a liberdade da casa solta se contrapõe a edícula de serviço nos fundos. A herança colonial versus a idéia de modernidade na cozinha extremamente funcional e que se aproxima da sala de estar, uma organização espacial que lembra muitos apartamentos atuais. No revestimento da fachada das áreas sociais, e na utilização dos combogós, que servem mais para proteger a intimidade da casa do olhar curioso do transeunte, do que como elemento de proteção climático, as referências ao resgate da tradição luso-brasileira, bem ao gosto de Delfim Amorim, assim como na utilização da laje de concreto inclinada com telhas sobrepostas, e na diferenças de níveis entre a área íntima mais alta que a área social, “topografia artificial” (PIÑON, 1998) muito comum nas residências térreas. Na esbelta coluna de concreto sustentando a laje da coberta do telhado, a referência ao “modernismo popular” (LARA, 2001).

Traduzindo algumas premissas modernistas como a setorização funcional, a valorização da área social, com grande apelo à questão formal com os dois volumes articulados pela parede prisma, marcando o eixo de distribuição dos setores. Apresenta a solução de coberta de laje de concreto

inclinada sobreposta com telhas cerâmicas<sup>7</sup>. A organização espacial tem programa reduzido que suprime o ambiente da copa, e utiliza a integração total da área social sem divisórias, solução pouco comum em residências desse porte na época. Utiliza ao mesmo tempo elementos do repertório consagrado pela arquitetura moderna e soluções tradicionais: como as paredes de alvenaria portante, a manutenção da edícula do fundo do lote, e uma disfunção entre o tratamento dado ao volume principal e ao volume dos quartos, com utilização de materiais menos nobres, ou com menor detalhamento.

### **A residência Dagberto Victor Miranda**

Localizada na Av. Antônio Lira, em Tambaú, de 1962, segundo informações do proprietário o projeto foi copiado de uma revista. Esta residência tem implantação em “L”, em níveis diferentes, a organização espacial é setorizada e funcional, como as demais residências, e as preocupações com o clima também são perceptíveis, no pano de combogó que protege a circulação dos quartos. A diferença de níveis cria um pé-direito duplo na sala de estar, uma tendência que a Residência Hermes Pessoa aponta é a integração da cozinha com os ambientes de estar, e neste caso como centro de distribuição entre as atividades sociais, de lazer e de serviço.



Imagem 3: A esquerda residência Hermes Pessoa, na Av. Cabo Branco. À direita residência Dagberto Miranda, na Av. Antônio Lira Tambaú. Foto: Roberta Xavier da Costa. Janeiro de 2008.

### **A residência Fernando Acyoli**

Localizada na Av. João Maurício, em Manaíra, esta residência é também de autor desconhecido, foi construída em 1974, como substituição de uma residência anterior, no levantamento do acervo encontramos uma indicação de que o lote seria ocupado, porém não foi localizado o projeto, as fotos são da pesquisa de campo. A distribuição é também em “L”, com a topografia criada, o terreno plano recebe aterros, para a criação de desníveis, que evidenciam a importância da área social, ao mesmo tempo em que permite que a integração dessa área e da área íntima com o exterior, a integração das salas, área de lazer e quartos com a paisagem da praia é ressaltada, assim como a preocupação com o clima, as esquadrias corridas de venezianas móveis dos

<sup>7</sup> Deixamos registrado que a construção deste exemplar antecede em quatro anos a data indicada por Amorim, para o pioneirismo da residência Serafim Amorim de 1960.

quartos permitem os mecanismos de controle climático, os panos de vidro da área de estar evidencia a relação com o exterior. A independência da estrutura é evidenciada pelo balanço da varanda dos quartos. Estes elementos são mantidos em quase todas as residências, como uma herança, o que se transforma é o tipo de revestimento, e a escolha em deixar ou não a evidencia entre os elementos estruturais.



Imagem 4: residência Fernando Acioly, na Av. João Maurício. Foto: Roberta Xavier da Costa. Junho de 2009.

### **Algumas considerações parciais**

Nesse momento de desenvolvimento da pesquisa, ainda não é possível determinar o que de fato permanece entre o período de 'hegemonia' e de 'mutação' da arquitetura moderna (COMAS, 2002). O que se percebe é que as residências indicam mudanças que não são mais apenas difusão de uma arquitetura que se tornou hegemônica, como as que apresentamos no início do período, e nem são tão 'mutantes' no final do período, para indicar uma transformação. Em geral os elementos que permanecem e são reproduzidos são os que se relacionam com controle do clima, e a organização do espaço, a distribuição de funções, e uma tecnologia que por ser reproduzida vai sendo mais 'conhecida', o modo de fazer essa construção é mantido. No final do período aparecem as experimentações e as reproduções, às vezes o mesmo profissional que fazia uma nova pesquisa em um exemplar em outro cuidava apenas de atender seu cliente de uma forma que era apenas uma reprodução de um modo de fazer que 'deu certo'. Se essa é 'herança' que nos resta desse patrimônio, ainda estamos investigando, que falta a compreensão sobre sua importância, não temos dúvida. No momento registrar e refletir sobre o assunto é a nossa forma de contribuir.

## Referências Bibliográficas

AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. Modernismo recifense: uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos. **Arquitextos 012. 03**. Periódico mensal de texto de arquitetura, maio 2001. < <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos>> Acessado em: 28 de maio de 2009.

\_\_\_\_\_. **Obituário Arquitetônico: Pernambuco Modernista**. Recife, Gráfica Santa Marta, 2007.

ALMEIDA, Adriana Leal de. **Arquitetura Moderna Residencial de Campina Grande: Registros e Especulações (1960-1969)**. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

CAMARGO, Monica Junqueira de. Residências modernas: Patrimônio ameaçado. Porto Alegre: **7º DOCOMOMO. Brasil.**, 2007. < <http://www.docomomo.org.br>>. Acessado em 28 de maio de 2009.

CAVALCANTI, Pautília Costa Alves. **Arquitetura Moderna Na Orla Marítima: A Produção Residencial nas Praias de JP**. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2008.

CHAVES, Carolina. **João Pessoa: verticalização, progresso e modernidade 1958 – 1975**. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2008.

COMAS, Carlos Eduardo Dias COMAS, Carlos Eduardo. Arquitetura Moderna 1930 a 1960. In: Roberto Montezuma. (Org.). **Arquitetura Brasil 500 anos**. Recife, UFPE, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Enciclopédia dos municípios brasileiros: v 4. Rio de Janeiro, 1960.

LARA, Fernando. **Popular Modernism: an analysis of the acceptance of modern architecture in 1950s Brazil**. Tese (Doutorado) - University of Michigan, Michigan. 2001.

\_\_\_\_\_. “Modernismo Popular: elogio ou imitação?”. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. Vol. 12 nº 13. BH, 2005.

MARQUES, Sonia & NASLAVSKY Guilah. Estilo ou causa? Como, quando e onde? Os conceitos e limites da historiografia nacional sobre o Movimento Moderno. São Paulo **3º DOCOMOMO Brasil**, 1999. < <http://www.docomomo.org.br>>. Acessado em 28 de maio de 2009.

PINÕN, Helio. **Paulo Mendes da Rocha**. São Paulo: Edicions UPC, 1998.

ROCHA, Mércia Pereira. **Manifestações da Arquitetura Moderna em João Pessoa**. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1987.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, Izabel do Amaral e. **Um olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsoi: obras e projetos residenciais 1953 – 1970**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) PPGAU/UFRN, Natal, 2004.

TAVARES, Lia, TAVARES, Marieta & TINEM, Nelci. Arquitetura Moderna em João Pessoa. A memória moderna e local de um movimento Internacional. Niterói, VI **Docomomo Brasil**, 2005. < <http://www.docomomo.org.br>>. Acessado em 28 de maio de 2009.

TEIXEIRA, Fúlvio. **Difusão da Arquitetura Moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - EESC/USP, São Carlos, 2006.

TINEM, Nelci. **O alvo do olhar estrangeiro. Brasil na historiografia da arquitetura moderna**. João Pessoa; Editora Universitária, 2006.

TRAJANO FILHO, Francisco Sales. Do rio ao mar: uma leitura da cidade de João Pessoa entre duas margens. In TINEM, Nelci, (org.). **Fronteiras Marcos e Sinais. Leituras das ruas de João Pessoa**. João Pessoa; Editora Universitária/Prefeitura Municipal de João Pessoa, 2006.